



Por Trás dos Sinais: um estudo etnográfico da *Westboro Baptist Church*¹

Cláudia ALESSI²

Adrien STOLIFER³

Katie SWATEK⁴

Ron PETTIBON⁵

Álvaro Benevenuto Jr.⁶

Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, RS

RESUMO

Um olhar diferente é lançado para uma seita religiosa familiar da região centro-oeste dos Estados Unidos. Enquanto a mídia pressiona de forma negativa os manifestos dos membros da *Westboro Baptist Church*, o documentário *Por trás dos sinais: um estudo etnográfico da Westboro Baptist Church* busca a nova etnografia aplicada no meio acadêmico para desvendar os mistérios da mensagem difundida por este grupo. Ao contrário das expectativas tendenciosas guiadas pelo pré-conceito adquirido ao longo do tempo, o que se encontrou foi uma comunidade de características comuns e com fortes embasamentos literários para levar a diante suas crenças. O trabalho foi realizado durante o segundo semestre de 2011, na disciplina de Etnografia Visual, na Universidade Estadual de Pittsburg.

PALAVRAS-CHAVE: *Westboro Baptist Church*; religião; cultura; etnografia; documentário.

1 INTRODUÇÃO

A família *Phelp's* é conhecida nos Estados Unidos por exibir placas/sinais com mensagens “escandalosas” em manifestações e protestos realizados principalmente nas proximidades de igrejas ou eventos sociais que envolvem homossexuais e soldados militares. Os sinais carregam mensagens contra gays e soldados enviados a guerras, pois segundo eles, essas atitudes vão contra os ensinamentos de Deus.

A seita religiosa iniciou com o anfitrião da família, o pastor Fred Phelps, em 1955. Eles acreditam ler e entender a Bíblia e rezam contra qualquer tipo de pecado. Parte de sua obrigação enquanto pregadores seria alertar, de alguma forma, aqueles que não seguem os

¹ Trabalho apresentado na área temática IJ05 – Comunicação Multimídia do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Estudante do 9º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UCS, e-mail: clau.alessi@hotmail.com.

³ Estudante de Comunicação da Universidade Estadual de Pittsburg, e-mail: adstolif@gus.pittstate.edu.

⁴ Estudante de Comunicação da Universidade Estadual de Pittsburg, e-mail: kjswatek@gus.pittstate.edu.

⁵ Estudante de Comunicação da Universidade Estadual de Pittsburg, e-mail: ronpettibon@gmail.com.

⁶ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social e coordenador da habilitação em Jornalismo da UCS, e-mail: abenevenutojr@gmail.com.



ensinamentos do livro sagrado. Eles acreditam ainda terem sido escolhidos por Deus para ter a salvação eterna.

Antes de entrar na casa de Shirley Phelps-Roper⁷, nós tínhamos noções pré-concebidas sobre quem eles eram. Nós pensamos que nosso grupo seria guiado para dentro de um local com cercas enormes e câmeras de segurança. Nós esperávamos ser bombardeados pela escritura sagrada, que dissessem que nós eramos pecadores.

Nós entramos em contato com Steve Drain e dissemos que estávamos prontos para encontrar a equipe pela manhã. Eles nos deram o endereço da casa onde nós deveríamos ir. Nós respiramos fundo e dirigimos até a rua *Churchill* e rimos ironicamente do nome. Imagine nossa surpresa quando nós nos deparamos com uma vizinhança dotada de casas bonitas e ruas limpas. Não existia cercas de arame farpado como imaginávamos, mas apenas uma calma interior e o barulho da construção de uma nova casa no final da rua.

Nós mascaramos nossos olhares confusos com sorrisos e caminhamos passo a passo em direção à entrada da casa de madeira. Nós tocamos a campainha e fomos recebidos por Shirley, uma mulher de cabelos longos, magra, e com um sorriso acolhedor. Ela nos chamou de amores, ofereceu água e nos convidou para entrar em sua casa. Normalmente, quando uma pessoa caminha para dentro da casa dos Phelps, ela automaticamente imagina que esses serão seus últimos passos. Mas, para nossa surpresa, nós caminhamos para a sala de estar e encontramos lindos sofás, fotos de família, um piano bem cuidado e o aroma de carne assada vindo da cozinha. Nós tínhamos a impressão de que nosso pequeno grupo de estudantes estava em meio a um universo paralelo; um universo que a mídia desconhece. Nós estávamos na casa de uma família norte-americana normal.

Enquanto observávamos e fazíamos entrevistas, nós vimos os Phelps como uma família, longe da imagem que a mídia transmite. Examinando práticas do Calvinismo, família e religião, regras, rituais e tradições que eles dividem no dia-a-dia e a identidade que eles têm um com o outro e com sua comunidade, nós vimos o lado da “família mais odiada da América” que frequentemente não está disponível para o público. Nós estávamos observando *Por trás dos sinais* que eles carregavam e eram vistos.

2 A NOVA ETNOGRAFIA⁸ APLICADA NO UNIVERSO ACADÊMICO

⁷ Membro da Westboro Baptist Church.

⁸ “Com a nova etnografia, eu quero dizer narrativas criativas desenhadas da experiência pessoal do escritor e endereçadas para audiências públicas e acadêmicas” (GOODALL, 2006, p. 9).

O estudo etnográfico de uma comunidade em particular demanda tempo, muita observação e envolvimento. Tomando como base o autor Goodall (2006), o grupo focou-se não somente no tempo de observação e na descrição minuciosa de dados arrecadados no campo de pesquisa, conforme os manuais de etnografia, mas buscou valorizar o personagem e transmitir seus ideias e sentimentos por meio de uma produção audiovisual.

A audiência lê reportagens não tanto porque ela se identifica com o conflito inicial, mas porque ela sente em certo momento o processo de autodescoberta e transformação causada pelo fato de como o conflito é trabalhado. Os personagens na sua história precisam aprender algo além do que acontece com eles. Eles devem crescer dentro do entendimento e talvez mudar para sempre por causa disso. Eles devem ficar profundamente tocados com algo vital que vem deles mesmos. (GOODALL, 2006, p. 41)

Dessa forma, acredita-se que o trabalho etnográfico é uma maneira de se interferir na vida do grupo estudado e inferir de modo positivo ou não nas relações entre membros da mesma comunidade e com o seu entorno. O estudo etnográfico não mexe somente com os sentimentos e crenças dos personagens, mas toca também seu autor. Se os estudiosos envolvidos no processo se manterem afastados de seus personagens, eles dificilmente conseguirão sentir toda a camada de sentimentos que envolve um grupo de pessoas. É imprescindível o contato, porque só por meio dele o autor conseguirá dar voz à comunidade estudada.

Conforme Goodall (2006) a essência da etnográfica se encontra no estudo de um pequeno grupo “from inside out”, ou seja, de dentro para fora. Isso quer dizer, em outras palavras, ser capaz de, por meio dos dados coletados durante o trabalho de campo e a experiência vivenciada, ter a capacidade de transmitir o pensamento e os sentimentos do grupo estudado por meio das palavras do autor. “A meta do trabalho de campo é reconhecer padrões. A meta de escrever etnografia é expressar os padrões” (2006, p. 8).

Para Goodall, a etnografia é “o resultado de muita leitura, da imaginação disciplinada, do trabalho pesado no campo e na frente do computador, de habilidades sólidas de pesquisa, tudo isso é transcrito dentro de histórias convenientes, narrativas, ou contas” (2006, p. 10). No ambiente acadêmico, segundo o autor, o processo que produz a etnografia mantém seus pilares em vivenciar, estudar, refletir e historiar. A “nova etnografia é sobre como a experiência dos escritores unidas a formas de comunicação criam uma relação de significado com os leitores” (2006, p. 14).

E quando o autor consegue atingir essa relação de significado com o leitor é porque ele conseguiu primeiro atingir essa relação de significado com os próprios personagens. “Pense a nova etnografia como a escrita da capacidade retórica intimista nos estudos da



cultura. [...] Nós queremos que as nossas palavras façam a diferença na vida deles” (GOODALL, 2006, p. 14).

3 O DOCUMENTÁRIO E O MÉTODO DE ESTUDO

O documentário em vídeo *Por trás dos sinais: um estudo etnográfico da Westboro Baptist Church*, fundamenta-se de entrevistas e depoimentos de membros da *Westboro Baptist Church (WBC)* e arquivos encontrados nos veículos de comunicação que melhor ilustram os fatos relatados. O trabalho foi realizado como projeto etnográfico, portanto, todo material coletado buscou valorizar o ser humano, guiado por sentimentos e crenças, ambições e comoções. Nada foi imposto de cima para baixo. O objetivo maior concentrava-se no envolvimento dos estudantes com os membros da igreja para compreender o modo de vida deles, e a partir de então, transmitir por meio de imagens e som tudo o que se havia captado.

Pretendeu-se ainda registrar um pedaço da história dessa seita religiosa familiar que nasceu e se desenvolveu em um curto período de tempo, mas que se tornou conhecida rapidamente pela forma de agir e se manifestar. Vale lembrar que a base de suas crenças estão fundamentadas na prática do Calvinismo.

O sistema de crenças da *WBC* é baseado nos ensinamentos de John Calvin, tanto quanto nas revisões que o calvinismo fez após sua morte. Calvin, um teólogo do século XVI, se desligou do cristianismo, uma religião que a *WBC* abomina. “Cada um de vocês pensa que Deus os ama porque vocês foram ensinados assim pelos cristãos. Isto é errado. Leiam a Bíblia; entendam o que está escrito em preto e branco”, dizia um dos membros da *WBC*.

Cientes de que um trabalho etnográfico completo exigiria muito mais tempo do que o utilizado durante a realização da disciplina, buscou-se, ao máximo, valorizar as crenças coletivas e individuais e expor a maneira como esses indivíduos agem frente a pressão imposta pela mídia e os atos agressivos realizados por pessoas que não aceitam seus ensinamentos e o modo como eles tentam advertir o mundo de seus pecados.

A escolha do tema a ser trabalhado surgiu ainda na primeira discussão do grupo. A *WBC* sempre foi muito questionada e odiada pela comunidade geral do país. Muitos tinham medo de chegar perto de seus membros e conversar com eles. Pelo fato de a sede, ou o vilarejo onde todos os integrantes da *Westboro Baptist Church* vivem ser em Topika, capital do estado do Kansas e cidade a cerca de quatro horas de Pittsburg, os estudantes resolveram encarar o desafio de compreender esse grupo e transmitir essa compreensão por meio de um documentário televisivo.

A escolha não foi fácil principalmente para os membros do grupo naturais dos Estados Unidos, visto que eles mesmos carregavam um pré-conceito muito grande em relação ao grupo religioso. A intensidade de ódio que se concentra contra os *Phelps* em toda a nação americana impulsionou o estudo e instigou a vontade de compreensão das crenças cultuadas pela *WBC*. A partir do envolvimento dos indivíduos do grupo e dos próprios personagens da seita religiosa, abriu-se a possibilidade da realização de um estudo etnográfico superficial, mas que trouxe a essência etnográfica para transmitir os sentimentos dos *Phelps*.

A construção do documentário reuniu técnicas de edição de vídeo para alinhar depoimentos, vídeos ilustrativos e fotos. Como a ideia principal era justamente desmistificar o que a mídia vinha divulgando sobre a *Westboro Baptist Church*, o grupo utilizou trechos de reportagens disponibilizadas no *YouTube* para ilustrar e questionar o papel da mídia. A família *Phelps* foi insultada e comparada a animais da pior espécie em rede nacional. Em contrapartida, utilizou-se imagens compartilhadas nas redes sociais pelos membros da seita para mostrar como a vida deles é “normal” na rotina diária.

Apesar das negativas atribuições que a mídia dá aos *Phelps*, eles seguem uma linha de família normal⁹, embora acreditem em seus protestos com sinais e fervorosamente em suas crenças religiosas. Eles têm rotinas e tradições que seguem de pais para filhos¹⁰ e se perpetuam ao longo das gerações. A família norte-americana segue um cronograma diário para a realização de diferentes atividades, com tempo estipulado para lazer, estudo, exercícios físicos, trabalho, etc. O tempo não é desperdiçado.

Nos depoimentos, o som ambiente foi privilegiado, assim como nos vídeos retirados da internet. Em alguns momentos, a trilha sonora se confunde com trilhas religiosas já existentes. O áudio, porém, foi retirado de um CD gravado pelo próprio grupo religioso. As músicas, em geral, são paródias de gravações já existentes e salientam as mensagens divulgadas pelos sinais. Os membros da família *Phelps* costumam cantar os próprios sons quando participam de protestos.

4 A WBC¹¹, A MÍDIA E A POPULAÇÃO

⁹ “Family rituals are the vehicles through which the family identity is delineated and transmitted to future generations. The choice of rituals, the underlying meanings contained in the ritual and the intensity of family involvement in the ritual are significant markers of family identity”. (FRIESEN)

¹⁰ “Parent-child conversations can be rich contexts for religious socialization. These events often lie within regular family interactions and can become ‘embedded routines’ that are important for a family’s religious experience” (BOYATZIS, JANICK).

¹¹ Westboro Baptist Church.

A forma como a *Westboro Baptist Church* é tratada pelos veículos de comunicação de massa estimula e intensifica o pré-conceito que a população geral tem em relação à seita religiosa. A imagem 1 ilustra as placas/sinais carregadas pelos membros da *WBC* nas manifestações realizadas pelo grupo. Os sinais trazem mensagens como “Você vai para o inferno”, “Deus é seu inimigo”, “Não abençoado, somente amaldiçoado”, “Deus odeia você”. Conforme trabalhado até aqui, esta é a forma encontrada pelos membros da igreja para espalhar e difundir os ensinamentos de Deus e mostrar o pecado das pessoas.



Imagem 1: Membros da *WBC* carregando os sinais em protestos nos Estados Unidos¹².

A mídia, porém, os considera loucos e não abre espaço para que haja uma defesa por parte dos integrantes da seita. Em uma participação no canal *Fox News*, alguns membros da igreja precisaram ouvir calados abusivos insultos do apresentador do telejornal. Ele recebe uma das integrantes da igreja dizendo: “Nós recebemos muitas pessoas loucas em nosso programa. Vocês são tão desprezíveis, doentes e problemáticos quanto nenhum outro que eu já tive nesse programa”. O jornalista continua argumentando que o fato de eles utilizarem a religião como maneira de justificar suas atitudes e o modo como eles agem é desprezível.

Outras acusações são feitas por um comentarista que também participa do programa: “Vocês são realmente pessoas loucas. Vocês são uma abominação. Vocês deveriam ter vergonha de vocês mesmos porque vocês são uma complicação para esta nação”. Em nenhum momento, a mulher que representava os *Phelps* teve a oportunidade de falar e de explicar o porquê daquela forma de manifesto.

Agressões, porém, não são sofridas somente de forma verbal. Em vídeos disponíveis na internet e em declarações feitas durante o estudo etnográfico, o grupo relatou inúmeros ataques sofridos. Um dos integrantes da seita religiosa contou uma situação em que

¹² Imagem retirada do website da *Daily World Post*, <<http://www.dailyworldpost.com/westboro-baptist-church.html>>.

eles estavam rodeados de pessoas que os ofendiam verbalmente. Policiais tentavam controlar as manifestações. “Eles começaram a rodear a Van e golpear até que os vidros das janelas de trás se partiram”.

Para a maior parte dos membros da *WBC*, situações como essa são corriqueiras. Eles dizem não sentir medo dos ataques, pois acreditam nos ensinamentos de Deus e no poder de sua força. Mesmo ameaçados, os integrantes costumam mobilizar a família inteira para participar das manifestações, incluindo crianças. Ferimentos vindos de estilhaços lançados contra o grupo também são frequentes.



Imagem 2: grupo de protesto contra *WBC* em funeral de soldados, no estado da Pensilvânia¹³.

Outras formas de manifestação acontecem como o exemplo da imagem 2, onde um grupo carrega cartazes com sinais opostos aos pregados pela seita religiosa. “Deus é amor”, “Justiça para todos”, são algumas das mensagens. A cena retratada na imagem 2 aconteceu durante o funeral de soldados americanos. Os membros da *WBC* também se manifestavam no mesmo dia e local contra o envio de soldados militares às guerras, agradecendo, assim, a Deus pelos mortos. “Parem de enviar soldados à guerra, e eles pararão de morrer”, justificou uma das integrantes da *Westboro Baptist Church*.

5 DESCRIÇÃO DO PROCESSO

O documentário *Por trás dos sinais: um estudo etnográfico da Westboro Baptist Church* foi realizado durante a disciplina de Etnografia Visual, ministrada pela doutora Shirley Drew e os professores Troy Comeau e Michael Gullett, da Universidade Estadual de Pittsburg, e aprovado pelo professor do curso de Comunicação Social e coordenador da habilitação em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, Álvaro Benevenuto Jr. A dis-

¹³ Disponível em: <<http://newyork.ibtimes.com/articles/167872/20110622/ryan-dunn-death-funeral-westboro-baptist-church-protest-photo.htm>>.

ciplina foi realizada no segundo semestre de 2011 durante um programa de intercâmbio entre as duas universidades citadas acima.

Como o estudo buscou utilizar a essência etnográfica de estudar uma comunidade “from inside out”, ou seja, de dentro para fora, buscou-se dar voz aos membros da família *Phelps* para que eles mesmos contassem suas rotinas, suas crenças e seus sofrimentos enquanto credores. A narrativa, dessa forma, livrou-se do *off* condutor e abriu espaço para o questionamento. O silêncio, o som ambiente e as imagens foram a teia utilizada para amarrar os nós dos depoimentos e para se construir uma narrativa que desse voz ao personagem. O pano de fundo para as entrevistas são as próprias casas que fazem parte da comunidade da família *Phelps*.

6 CONSIDERAÇÕES

Antes de realizar o estudo, o grupo discutia sobre como seria sentar na casa de um membro da família *Phelps* e nós brincávamos falando de conversão. Nós ríamos e pensávamos que não seríamos capazes de realizar as entrevistas e ficar ouvindo aqueles ensinamentos todos sobre religião. Nós estávamos errados. Embora não acreditássemos na mensagem ou no modo como eles a transmitem, nós vimos aquela família através de um olhar diferente desde que Shirley Phelps-Roper cruzou a porta para nos receber.

O que nós esperávamos encontrar e vivenciar foi exatamente o oposto do que se abriu para nossa observação e pesquisa. Nós iniciamos os estudos querendo descobrir o porquê que eles utilizavam aquele tipo de manifestação para se expressar e nós saímos com mais questões familiares, que está por trás do relacionamento deles um para com os outros¹⁴.

Nós aprendemos que por trás dos sinais, eles são apenas uma família com uma crença suprema baseada na fé em Deus. Os seus padrões de comunicação e o modo como eles passam sua mensagem a diante faz com que eles sintam como se o trabalho deles aqui estivesse sendo realizado. Fora isso, eles vivem rituais e tradições normais e têm interconexões entre suas famílias.

¹⁴ “Most religions offer guidelines about how family members should treat one another that cut across nuclear and extended family relationships and structures. Many religious traditions direct family members to care for each other with dignity and respect, make sacrifices for one another, and forgive one another for wrongdoings” (MAHONEY, PARGAMENT).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOYATZIS, Chris J., JANICKI, Denise L. **Parent-child communication about religion: survey and diary data on unilateral transmission and bi-directional reciprocity styles.** Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/pdfplus/3512386.pdf?acceptTC=true>>. Acesso em: 20, nov. 2011.

BUREK, Josh. **Christian faith: Calvinism is back.** Disponível em: <<http://www.csmonitor.com/USA/Society/2010/0327/Christian-faith-Calvinism-is-back>>. Acesso em: 3, dez. 2011.

FRIESEN, John D. **Rituals and family strength.** Disponível em: <<http://www.directionjournal.org/article/?654>>. Acesso em: 2, dez. 2001.

GOODALL, Lloyd H. Jr. **Writing the New Ethnography.** AltaMira Press, 2000.

MAHONEY, Annette, PARGAMENT, Kenneth I. **Religion and the sanctification of family relationships.** Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3512384?seq=2>>. Acesso em: 3, dez. 2011.

MCKEAN, Thomas A. **Tradition as communication.** Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/oral_tradition/v018/18.1mckean.pdf>. Acesso em: 22, nov. 2011.